

Testemunhas reconhecem cinco policiais

10 NOV 1998

Inquérito que apura ação da PM na invasão da Estrutural em agosto deste ano será encaminhado amanhã ao Ministério Público

Alexandre Botão
Da equipe do **Correio**

Cinco policiais militares foram identificados no processo de reconhecimento que encerra a primeira fase do inquérito policial para apurar a ação da PM na Estrutural, em agosto deste ano, que resultou na morte de duas pessoas.

O encarregado do inquérito, coronel Celso Deolindo, disse que ainda não sabe quais policiais foram reconhecidos — todos estavam identificados apenas com números —, mas adiantou que este é apenas um dos

elementos do inquérito policial militar (IPM) cujo relatório ele vai encaminhar ao Ministério Público até amanhã. O promotor de Justiça, Paulo Gomes, que acompanha o inquérito, vai retornar o IPM ao coronel Celso e pedir uma nova sessão de reconhecimento dos policiais militares.

Sessenta policiais foram apresentados ontem a cinco moradores da Estrutural que estiveram no Quartel Geral da PM como testemunhas do inquérito. Do grupo de PM's convocado pelo coronel Celso Deolindo, cinco não compareceram ao QG. "Não dá para saber por que eles faltaram. Alguém pode estar de férias, outro pode estar de licença. Mas é certo que vamos averiguar o motivo da falta", disse o encarregado do IPM.

Dona Rosita Maria Gomes e Roberto José dos Reis Filho, o Azul, foram os dois moradores que conseguiram identificar alguém nos doze grupos de cinco PM's apresentados às testemunhas. "Reconheci quatro. Eles foram na minha casa, dizendo que estavam procurando armas", disse dona Rosita.

O Azul, o mesmo que foi exibido no programa eleitoral do governador eleito Joaquim Roriz como "o executado que sobreviveu", contou que identificou um dos policiais: "Vi um, mas ali não tinha nenhum daqueles que atiraram em mim".

"Já levei dois tiros na cabeça, pra levar um no peito é rapidinho. Por isso tô aqui e tô ali. Tô na rua para me safar, para ninguém me pegar", descreveu o morador, que só aceitava dar entrevistas com a autorização

do deputado distrital José Edmar, do PMDB, que acompanhou as testemunhas até o quartel da polícia.

COZINHEIROS

Além do Azul e de dona Rosita, outros três moradores da Estrutural foram tentar identificar os policiais ontem à tarde. Jerry Conceição da Rosa, Cássia Fernandes e Ismael de Oliveira Caetano, no entanto, deixaram o QG da PM sem reconhecer qualquer PM.

"Pegaram os cozinheiros do quartel e botaram aí para a gente ver. Quem me pegou naquele dia não es-

tava aí", ironizou Jerry, que diz ter sido vítima de tortura por parte da polícia. "Acho que aí tem armação. Os policiais que estavam na Estrutural aquele dia não estão hoje (ontem) aqui", comentou Cássia Fernandes.

"RECONHECI QUATRO. ELES FORAM NA MINHA CASA, DIZENDO QUE ESTAVAM PROCURANDO ARMAS"

Rosita Maria Gomes
moradora da Estrutural

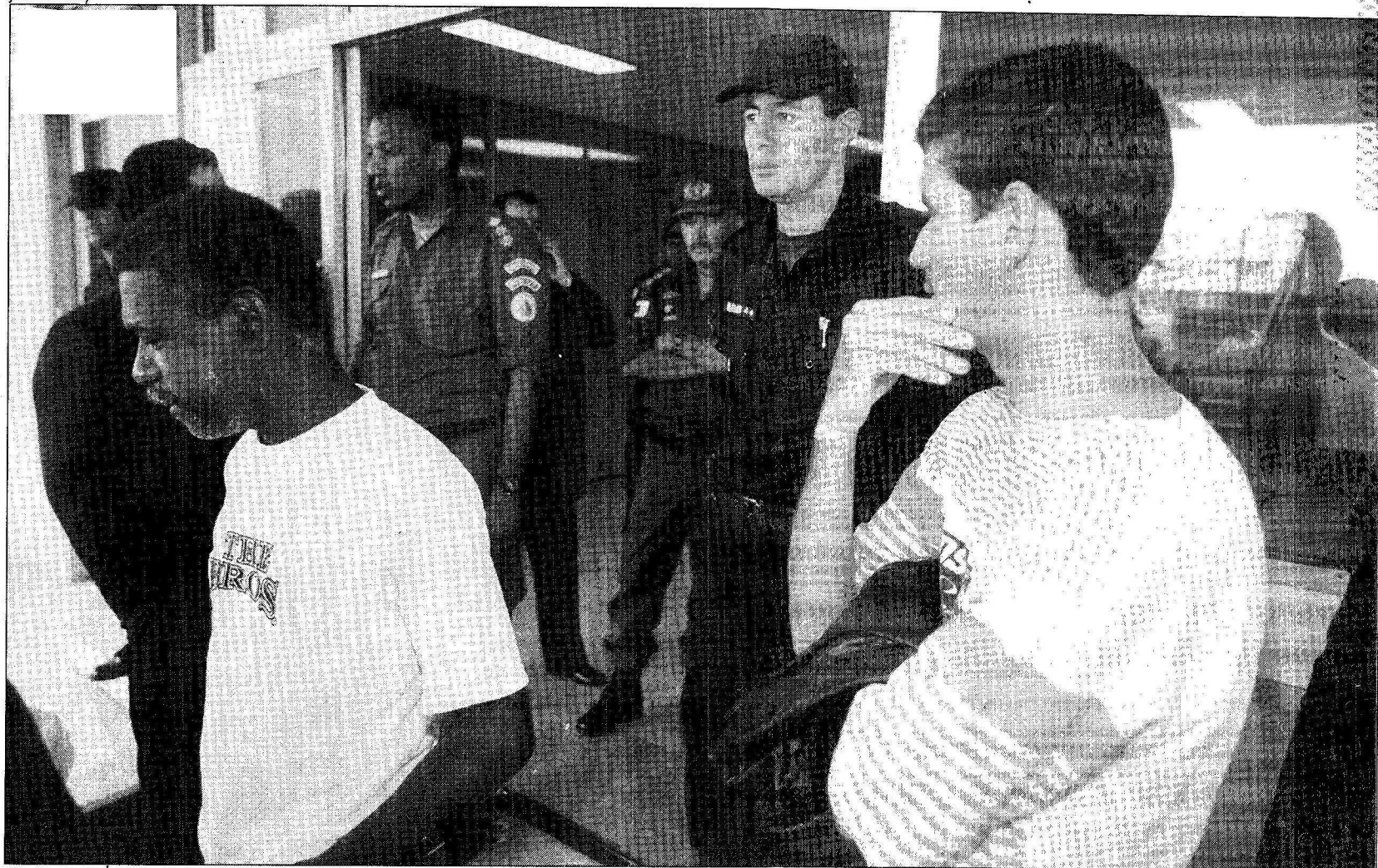
De certa forma, ela tem razão. Nem todos os policiais que participaram da operação na Estrutural estavam no QG para o reconhecimento — mais da metade dos PM's não foram convocados pelo coronel Celso. "Mas eu garanto que muitos daqueles que aparecem na fita de vídeo estavam aqui para identificação", completou o encarregado do inquérito, referindo-se a uma gravação feita pela TV Globo que mostra parte da operação policial daquele dia.

BATE-BOCA

Cerca de 120 moradores da Estrutural estiveram na porta do QG da polícia para acompanhar a identificação dos policiais, mas foram impedidos de entrar no prédio. O PM de plantão, que estava sozinho quando dois ônibus de moradores parou em frente ao Quartel Geral, assustou-se com o número de manifestantes e chegou a chamar a tropa de choque para impedir a ação do grupo.

Durante o reconhecimento dos PM's, um bate-boca entre o deputado José Edmar e o promotor de Justiça, Paulo Gomes, interrompeu a sessão por vinte minutos. "Ele devia ficar do lado da população e não do lado da polícia", criticou o deputado. "Esse senhor está querendo aparecer, isso sim", devolveu o promotor.

Jefferson Rudy



Roberto José dos Reis Filho, o Azul (E), deixa o QG da Polícia Militar ao lado de outra testemunha, Jerry Conceição: "Tô na rua para ninguém me pegar"

MEMÓRIA

UMA OPERAÇÃO QUE JÁ RENDEU 11 INQUÉRITOS

O propósito da Operação Tornada, na noite de 6 de agosto passado, era desarmar a população da Invasão da Estrutural. O saldo foi bem diferente do pretendido: três vítimas fatais, das quais duas eram moradoras da favela.

O pretexto do que parece ser uma vingança foi a morte de um policial militar. Às 20h, Rubens Gomes de Faria, de 32 anos, foi atingido com um tiro na cabeça. Depois de duas horas agonizando no Hospital de Base, o soldado morreu.

Começaram os registros de ocorrência na 3ª Delegacia de Polícia Civil, no Cruzeiro. Depois da morte do policial, foram abertos onze inquéritos para tratar de invasão de domicílios, roubos em comércios, espancamentos, abuso de autoridade, seqüestro e execuções.

Na manhã do dia seguinte, o

balança trágico continua. O corpo de Joaquim da Silva, de 37 anos, foi encontrado entre a Ceasa e a Via Estrutural. O cadáver tinha lesões na cabeça. Mas não há nenhuma comprovação de que a morte de Joaquim tenha vínculo com as demais.

Roberto José dos Reis Filho, de 47 anos, o 'Azul' foi seqüestrado e apareceu no Hospital Regional de Planaltina, no meio-dia do domingo. Ele conta que, depois de ter sido levado para um matagal, recebeu um tiro na nuca.

Azul foi seqüestrado para que contasse onde estava seu enteado, Milton de Sá, de 29 anos, o 'Miltinho'. Seqüestrado de sua casa no Recanto das Emas, graças às orientações de Azul, Miltinho teve o mesmo destino, mas não escapou da execução no matagal.

Luciano Pires de Aquino sumiu do barraco onde morava com a mulher, na Invasão da Estrutural, na mesma noite em que Azul foi seqüestrado. Ele foi encontrado numa vala perto da favela executado com tiros na cabeça. (Luís Cláudio Cicci)

Autoridade sem limite

Na madrugada de ontem, o funcionário público Sérgio Saulo Rocha Teixeira, de 20 anos, e o policial militar Wellington Takaiti Inaba, de 31, foram presos por usurpação de função pública. Durante a noite de domingo, a dupla espalhou terror nos arredores da Praça do Relógio e da Avenida Central, em Taguatinga.

"Fiquei com medo, achei que ia morrer", conta o agente funerário Antônio Pereira de Oliveira, de 36 anos. "Parecia que eles estavam bêbados ou drogados." Às 23h30, o funcionário de plantão precisou ir a uma farmácia comprar luvas e teve o azar de encontrar os dois farsantes.

"O japonês (Wellington) chegou usando uma camiseta de agente da polícia, falou sobre um assalto a banco e mandou eu encostar na parede", lembra Antônio. "Daí, mete o pé em mim e me derrubou", diz o agente funerário, que mostra no tornozelo direito a marca de graxa preta na meia branca. "Isso foi um chute."

Um grito salvou Antônio de apenhar mais. "No chão eu comecei a berrar e recebi a ajuda de um amigo que é dono de um bar", lembra-se. "Nessa hora, o outro que também se dizia policial revistava um cara que

estava passando." As pessoas que saíram à rua espantaram os falsos agentes, que entraram no Voyage branco de Sérgio, para serem pegos logo depois por policiais da 12ª DP.

PEDRADA

Wellington está na Polícia Militar há mais de dez anos e, segundo o comandante do Batalhão Escolar, foi afastado das funções há cerca de um mês por incapacidade para o serviço. "Ele está à disposição da junta médica e tenho a informação que o ofício que formaliza sua reforma está sendo expedido hoje (ontem)", explica o tenente-coronel Helen José Futuro Rocha Filho.

O soldado tem um irmão que é policial civil, o que explica de onde veio a camiseta foi usada na noite de domingo. O comandante do batalhão onde Wellington está lotado lembra um fato que teria afetado seu desempenho. "Há algum tempo, quando era do Batalhão de Choque, ele recebeu uma pedrada na cabeça em ato de serviço", diz o tenente-coronel.

Sérgio e Wellington podem ser condenados a até dois anos de detenção e, porque pagaram fiança de R\$ 200 cada um, vão responder ao processo em liberdade.